



*Jules Verne*

**VIAGEM  
AO CENTRO  
DA TERRA**

CLÁSSICOS  ZAHAR

Jules Verne

**VIAGEM AO CENTRO  
DA TERRA**

Tradução:  
JORGE BASTOS



# SUMÁRIO

*Apresentação*

VIAGEM AO CENTRO DA TERRA

## APRESENTAÇÃO

FILHO DE UM ADVOGADO, Jules nasceu em 1828 na cidade portuária de Nantes, costa oeste da França – quase de frente para o oceano Atlântico e no estuário do rio Loire, famoso por seus castelos medievais e renascentistas.

Bom aluno em letras clássicas, grego e latim durante a infância e adolescência, foi criado para seguir os passos do pai advogado. Com aproximadamente vinte anos, porém, ao desembarcar em Paris para prosseguir os estudos e se diplomar em Direito, viu o interesse “periférico” na literatura ganhar força e escreveu várias peças – o teatro era a maneira mais rápida de se conseguir algum sucesso financeiro através da literatura. Uma delas, *Les pailles rompues*, foi inclusive apresentada na sala de espetáculos que o já renomado Alexandre Dumas havia inaugurado em Paris. O dramaturgo estreante tinha 22 anos.

Nesse mesmo período, Verne passou a frequentar a Biblioteca Nacional, se apaixonando pelas ciências e suas mais recentes descobertas. Sobretudo a geografia atraía sua curiosidade, e o levaria mais tarde a se tornar um incansável explorador e cartógrafo.

Conheceu por essa época o chefe de redação da revista *Musée des Familles*, seu conterrâneo da cidade de Nantes, Pierre-Michel-François Chevalier, que aprovou a publicação das novelas *Os primeiros navios da Marinha mexicana* e *Uma viagem num balão*. No ano seguinte, a mesma *Musée des Familles* publicou mais dois trabalhos de Verne: *Martin Paz* e *Os castelos na Califórnia*, esse último um texto cômico e recheado de subentendidos picantes.

Em 1862, estabeleceu com o editor Pierre-Jules Hetzel uma parceria que iria mudar sua vida. Ambos assinaram um contrato com prazo de vinte anos de duração, e que, após a morte do editor, em 1886, seria prorrogado até 1905, quando então Verne faleceu. A relação entre o bem-sucedido homem de negócios e o romancista ainda quase desconhecido foi uma das mais

proveitosas da história da literatura. A agudeza comercial e visão de mercado do editor organizou e deu um eixo ao ímpeto criativo do autor.

*Viagem ao centro da Terra* foi o segundo romance publicado por Jules Verne, em 1864, na coleção intitulada Viagens Extraordinárias, um ano depois do primeiro, *Cinco semanas em um balão*. Ao todo, mais sessenta romances e dezoito novelas completariam a série, no decorrer de quarenta profícuos anos, entre eles clássicos imortais como *Vinte mil léguas submarinas* e *A volta ao mundo em oitenta dias*. Esse conjunto monumental fez do escritor francês, conforme o *Index translationum* mantido pela Unesco, que relaciona publicações nos mais diferentes países, o segundo autor mais traduzido do mundo, logo depois de Agatha Christie e antes de Shakespeare!

*Viagem ao centro da Terra* começa com a decifração de uma pista em caracteres rúnicos, presente em um manuscrito em latim do século XII. Nesse curto bilhete cifrado, um alquimista dos anos 1500 dizia ter atingido o centro do planeta, por um caminho encontrado a partir da boca de um vulcão na Islândia.

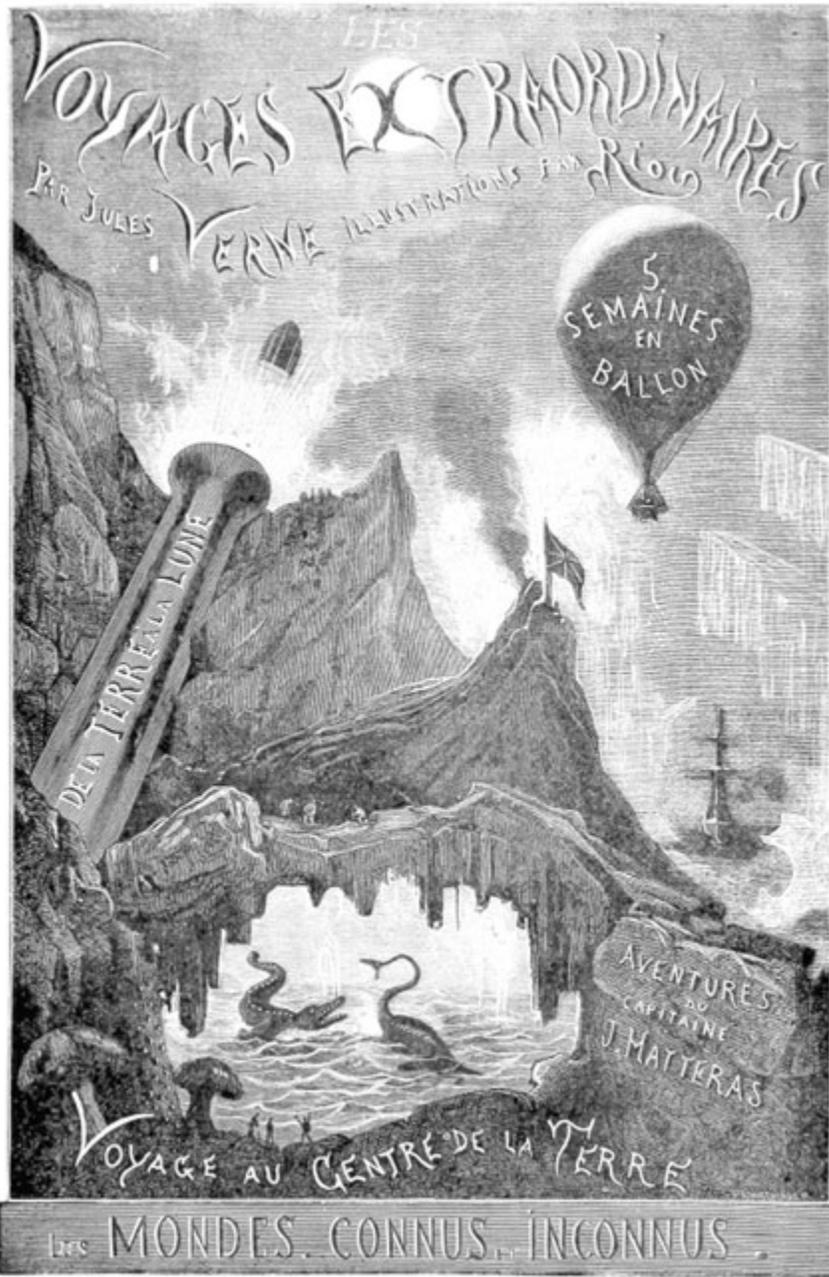
Diante dessa formidável descoberta, o indócil e enérgico professor Otto Lidenbrock e seu assistente e sobrinho Axel partem, por terra e por mar, na longa viagem até Reykjavik, capital da Islândia – onde irá se juntar à dupla o terceiro protagonista, um homem de gelo, o impassível Hans, que lhes servirá de guia. O trio não poderia ser mais heterogêneo: um sólido cinquentão cuja única paixão é a ciência, um jovem de sensibilidade romântica e, finalmente, com idade intermediária, alguém dotado de bom senso prático, além de energia e força física, qualidades não intelectuais mas de suma importância na expedição.

O tema da viagem ao interior do planeta parece ter surgido da leitura de um livro de 1741, do dinamarquês Ludwig Holberg, *As viagens de Niels Klim pelo mundo subterrâneo*, cuja intenção era criticar a sociedade setecentista, à maneira de Jonathan Swift em *As viagens de Gulliver* (1726), ou ainda das *Cartas persas* (1721) de Montesquieu. As semelhanças, porém, se resumem ao título.

Este livro é uma obra das mais originais e ousadas de sua época, sobretudo se lembrarmos que era dedicado ao público jovem, sedento de aventuras, sim, mas também curioso com relação às ciências e tecnologias, que abriam horizontes até então impensáveis.

---

Esta é uma versão reduzida da apresentação de Jorge Bastos para *Viagem ao centro da Terra: edição comentada e ilustrada*, publicado pela Zahar em 2016.



# **VIAGEM AO CENTRO DA TERRA**

# 1

No DOMINGO 24 de maio de 1863, meu tio, o professor Lidenbrock, voltou mais cedo para sua modesta casa, no número 19 da Königstrasse, uma das mais antigas ruas de um velho bairro de Hamburgo.

Nossa empregada Marthe deve ter achado que estava bem atrasada, pois a comida mal começava a cozinhar no fogão.

“Se estiver com fome”, pensei com meus botões, “meu tio, que é o homem mais impaciente do mundo, vai esbravejar um bocado.”

— Já, sr. Lidenbrock?! — assustou-se a cozinheira, entreabrindo a porta da sala.

— Já, Marthe, mas tem todo o direito de não ter acabado ainda o jantar, pois nem são 14h. Acaba de bater 13h30 na São Miguel.

— Por que então o sr. Lidenbrock já está em casa?

— Ele não vai deixar de nos dizer, esteja certa.

— Ai, sr. Axel! Então volto para o meu fogão e por favor o acalme.

E a nossa boa Marthe se refugiou no seu laboratório culinário.

Fiquei sozinho, mas acalmar o mais irascível dos homens é algo que a minha personalidade um tanto indecisa não pretendia. Já me preparava então para me retirar, por prudência, ao meu quartinho no andar de cima, quando rangeram as dobradiças da porta da rua. A escada de madeira estalou sob as pesadas passadas e o dono da casa atravessou a sala de jantar, dirigindo-se diretamente ao seu gabinete de trabalho.

Mas, nessa rápida travessia, atirou num canto a bengala de castão quebranozes, em cima da mesa o chapéu escovado a contrapelo e, ao sobrinho, essas palavras retumbantes:

— Acompanhe-me, Axel!

Nem tive tempo para qualquer reação e o professor já gritava, num óbvio tom de impaciência:

— O que está fazendo que ainda não está aqui?

Corri ao gabinete do temível mestre.

Otto Lidenbrock não era má pessoa, quero que fique claro, mas, a menos que ocorressem mudanças improváveis, seria até o fim da vida um terrível excêntrico.

Era professor no Johannaem e dava aulas de mineralogia, durante as quais tinha frequentes acessos de raiva. Não por se preocupar com a assiduidade dos alunos, o seu grau de atenção ou eventual sucesso nos exames. Detalhes assim pouco o interessavam. Lecionava “subjetivamente” — para empregar um termo da filosofia alemã —, para si mesmo e não para os outros. Era um erudito egoísta, um poço de sabedoria, mas um poço cuja roldana rangia quando se tentava extrair alguma coisa dele: em suma, um osso duro de roer.

Há professores assim na Alemanha.

Infelizmente para o meu tio, sua facilidade de expressão, que já não era grande em casa, diminuía ainda mais em público, o que vem a ser um defeito constrangedor em oratória. É verdade, em suas demonstrações no Johannaem, muitas vezes ele se interrompia bruscamente, em luta com alguma palavra recalcitrante que se lhe travava nos lábios, uma dessas palavras que resistem, se avolumam e acabam saindo como imprecação nada científica. Donde os acessos de raiva.

Só que, em mineralogia, há muitos termos semigregos ou semilatinos de pronúncia difícil, nomes ásperos, capazes de esfolar a língua de um poeta. Longe de mim querer falar mal dessa ciência, mas, quando nos deparamos com cristalizações romboédricas, resinas retinasfáticas, guelenitas, fangasitas, molibdênio de chumbo, tungstato de manganésio ou titanato de zircônio, até as línguas mais adestradas eventualmente tropeçam.

Por toda a cidade era então conhecida essa perdoável falha do meu tio, mas as pessoas abusavam, à espreita nas passagens perigosas. Ele ficava furioso e todos riam, o que não é muito correto — mesmo se tratando de alemães. Havia então sempre uma grande presença de ouvintes nas aulas de Lidenbrock, mas quantos ali não o seguiam assiduamente sobretudo para se divertir com os famosos ataques de raiva do mestre?!

Seja como for, nunca é demais insistir, meu tio era um verdadeiro homem de ciência. Mesmo que às vezes quebrasse as amostras por testá-las um tanto bruscamente, nele o gênio do geólogo se acrescentava ao faro do mineralogista. De martelinho, buril, agulha imantada, maçarico e frasco de ácido nítrico em punho, era muito bom no que fazia. Pela maneira de se partir, pelo aspecto, pela dureza, pela fusibilidade, pelo som, pelo cheiro e

pelo gosto de qualquer mineral ele podia, sem sombra de dúvida, classificá-lo entre as seiscentas espécies que a ciência de hoje reconhece.

O nome Lidenbrock era ouvido com respeito em anfiteatros e associações científicas nacionais. Os srs. Humphry Davy e Von Humboldt, assim como os capitães Franklin e Sabine, nunca deixaram de visitá-lo quando passavam por Hamburgo. Os srs. Becquerel, Ebelmen, Brewster, Dumas, Milne-Edwards e Sainte-Claire Deville gostavam de consultá-lo sobre as mais palpitantes questões de química, ciência que deve ao professor Otto Lidenbrock belas descobertas. Em 1853, foi publicado em Leipzig, de sua autoria, um *Tratado de cristalografia transcendente*, um grande in-fólio contendo diversas pranchas ilustradas, que entretanto nem sequer cobriu os custos gráficos.

Acrescente-se a tudo isso que meu tio era o conservador do museu mineralógico do sr. Struve, embaixador da Rússia, uma preciosa coleção célebre em toda a Europa.

Era este, então, o personagem que me chamava com tanta impaciência. Imaginem um homem alto, magro e com uma saúde de ferro, ao qual louros e juvenis cabelos davam ares de dez anos mais moço, a ele que beirava os cinquenta. Seus olhos bem abertos estavam sempre a se agitar indóceis por trás dos óculos que pesavam sobre o nariz comprido e fino, mais parecendo uma lâmina afiada. Inclusive havia quem, maldosamente, dissesse ser este um apêndice imantado e que atraía limalha de ferro. Pura calúnia: atraía apenas tabaco em pó, mas, na verdade, em grande abundância.

Se eu acrescentar que meu tio caminhava com passadas matemáticas de um metro e disser ainda que fazia isso com os punhos firmemente fechados, sinal de um temperamento impetuoso, deixo bastante claro não ser ele uma companhia das mais convidativas.

Morava então nessa casinha da Königstrasse, uma construção metade em madeira, metade em alvenaria, com empena treliçada. Ficava de frente para um dos sinuosos canais que se cruzam no centro do mais antigo bairro de Hamburgo, que o incêndio de 1842 felizmente não atingiu.

É verdade que a velha residência se inclinava um pouco, dando a quem passava a impressão de estar um tanto abaulada. Com isso o telhado mais parecia um gorro de estudante da Tugendbund, meio caído por cima da orelha. O prumo das linhas deixava então um pouco a desejar, mas, no final das contas, ela se aguentava bem, graças a um velho olmo que se incrustara

na fachada e que na primavera estendia seus brotos floridos aos vidros das janelas.

Meu tio até que era rico para um professor alemão. A casa era totalmente sua, por dentro e por fora. Nesse “por dentro” se incluíam a sua afilhada Graüben, uma jovem virlandesa de dezessete anos, a empregada Marthe e eu. Em minha dupla condição de sobrinho e órfão, eu tinha me tornado auxiliar assistente nas experiências do professor.

Confesso que me entreguei com vontade à ciência geológica. Tenho sangue de mineralogista nas veias e jamais me entediei na companhia de minhas preciosas pedras.



*Otto Lidenbrock era um homem alto, magro e com uma saúde de ferro.*

A bem da verdade, vivia-se agradavelmente naquela casinha da Königstrasse, mesmo com os acessos de impaciência do proprietário, que apesar dos modos um tanto brutais não deixava de gostar de mim. Só que o homem não sabia esperar e era mais apressado que o normal.

Por exemplo, quando num mês de abril plantou nos vasos de faiança da sala uns pés de resedá e de *Petrea volubilis*, pela manhã ele várias vezes ia puxá-los pelas folhas, querendo acelerar o crescimento.

A única maneira, enfim, de lidar com as suas excentricidades era obedecendo. Então corri ao gabinete.

O GABINETE ERA um verdadeiro museu. Todas as amostras do reino mineral estavam ali etiquetadas na mais perfeita ordem, seguindo as três grandes divisões dos minerais inflamáveis, metálicos e litoides.

Como eu conhecia bem todos aqueles bibelôs da ciência mineralógica! Quantas vezes, em vez de brincar com meninos da minha idade, não preferi espanar grafitas, antracitos, hulhas, linhitos e turfas! Sem falar de betumes, resinas e sais orgânicos que deviam ser protegidos contra qualquer átomo de poeira! E os metais, desde o ferro até o ouro, cujo valor relativo desaparecia diante da absoluta igualdade dos espécimes científicos! Pedras que dariam para reformar a casa da Königstrasse, inclusive com um quarto a mais — o que eu não acharia nada mau!

Entrando, porém, no cômodo, não pensava absolutamente nessas maravilhas. Apenas meu tio me preocupava. E ele estava mergulhado na sua enorme poltrona forrada com veludo de Utrecht, tendo nas mãos um livro que lhe causava a mais profunda admiração.

— Que livro! Que livro! — ele exclamava.

Isso me fez lembrar que o professor Lidenbrock era também bibliômano nas horas vagas, mas um alfarrábio só tinha valor para ele se fosse inencontrável ou, no mínimo, ilegível.

— Veja só! Não percebe? — disse, dirigindo-se a mim. — Trata-se de um tesouro inestimável que encontrei pela manhã, remexendo na loja do judeu Hevelius.

— Uma maravilha! — respondi, forçando um entusiasmo.

Na verdade, porém, por que tanto barulho diante de um velho in-quarto de lombada e capas grosseiramente encadernadas com pele de bezerro? Era apenas um livro amarelado e do qual pendia um marcador de páginas desbotado.

As exclamações exageradas do professor, no entanto, continuaram.

— Sem dúvida, não é uma beleza? — ele fazia a si mesmo perguntas que imediatamente respondia: — É sim, admirável! E que acabamento! Abre-se

fácil? Fácilimo, e bem aberto permanece em qualquer página! Fecha-se igualmente bem? Perfeitamente, pois a capa e as páginas formam um conjunto bem amarrado; não se soltam nem apresentam falhas em lugar nenhum. E essa lombada sem a menor rachadura em seus setecentos anos de existência! Uma obra que Bozerian, Closs e Purgold teriam orgulho de assinar!

Enquanto falava, meu tio abria e fechava sem parar o livro e eu me senti na obrigação de perguntar sobre o conteúdo, que não me interessava minimamente:

— E não vai me dizer o título desse maravilhoso volume? — fingi um interesse que me pareceu forçado demais.

— Esta obra! — respondeu meu tio, se animando. — Trata-se de *Heimskringla*, de Snorre Sturluson, o famoso autor islandês do século XII! É a crônica dos príncipes noruegueses que reinaram na Islândia!

— Incrível! — exclamei o melhor que pude. — Provavelmente em tradução alemã?

— Era só o que faltava! — respondeu rispidamente o professor. — Uma tradução! E o que eu faria com essa sua tradução? Quem vai querer essa sua tradução? É a obra original, em língua islandesa, esse magnífico idioma, simples e rico ao mesmo tempo, que permite as mais variadas combinações gramaticais e inúmeras modificações de palavras!

— Como o alemão — insinuei muito oportunamente.

— Como o alemão — concordou meu tio dando de ombros —, sem contar que a língua islandesa, como o grego, admite três gêneros e declina os nomes próprios como o latim!

— Ah! — suspirei, ligeiramente abalado em minha indiferença. — E os caracteres do livro são bonitos?

— Caracteres? Quem está falando de caracteres, miserável? Caracteres! Está achando que é um impresso! Quanta ignorância, é um manuscrito, e um manuscrito rúnico!

— Rúnico?

— Exatamente! Vai querer agora que eu explique o que é?

— Não é preciso — devolvi num tom de quem se sente ferido em seu amor-próprio.

Mas meu tio continuou mesmo assim, com informações que eu não fazia a menor questão de obter:

— As runas eram os caracteres de escrita de que se serviam antigamente os islandeses. Segundo a tradição, foram inventadas pelo próprio Odin! Olhe bem, ímpio, e admire esses tipos vindos da imaginação de um deus!

Sem ter muito o que responder, já ia me curvar, achando ser o tipo de atitude que deve agradar aos deuses, como agrada aos reis, pois tem a vantagem de nunca deixá-los constrangidos, mas algo aconteceu e desviou o curso da conversa.

Um pergaminho sujo escorregou do livro e caiu no chão.

Meu tio se lançou sobre aquela imundície com uma avidez fácil de se imaginar. Um velho documento, esquecido desde um tempo imemorial entre as páginas de um livro antiquíssimo, a seu ver não podia deixar de ter o mais alto valor.

— O que é isso? — ele se espantou.

Ao mesmo tempo, com todo o cuidado ele estendia em cima da mesa o pedaço de pergaminho, que tinha uns quatorze centímetros de comprimento por oito de largura, com uns caracteres misteriosos traçados em linhas transversais.

Abaixo, faço questão de mostrar o exato fac-símile desses estranhos sinais, pois foram eles que levaram o professor Lidenbrock e o seu sobrinho a empreenderem a mais estranha expedição do século XIX:



Fac-símile de uma série de caracteres rúnicos, apresentados em três colunas e seis linhas. Os caracteres são símbolos geométricos complexos, típicos da escrita rúnica antiga.

Por algum tempo o professor considerou essa série de caracteres, e finalmente disse, erguendo os óculos:

— É a escrita rúnica. Os tipos são absolutamente idênticos aos do manuscrito de Snorre Sturluson! Mas... o que podem significar?

Como o rúnico me parecia ser uma invenção de eruditos para mistificar os simples mortais, não me aborreceu nem um pouco ver que meu tio não compreendia coisa alguma do documento. Pelo menos foi a impressão que tive, acompanhando o movimento dos seus dedos, que começavam a se agitar nervosos.

— É islandês antigo, não resta dúvida! — ele murmurava entre dentes.

E o professor Lidenbrock devia mesmo saber o que dizia, pois tinha fama de ser verdadeiro poliglota. Não que falasse correntemente as duas mil línguas e os quatro mil idiomas empregados na superfície do globo, mas conhecia boa parte.

Diante da dificuldade e dada a sua impetuosidade, eu já previa alguma cena violenta, quando as 14h soaram no pequeno relógio em cima da lareira.

Logo em seguida Marthe abriu a porta do gabinete, avisando: — A sopa está servida.

— Aos infernos a sopa!

— explodiu meu tio. — E que a acompanhe quem a preparou e quem a tomar!

Marthe rapidamente se retirou e aproveitei para fazer o mesmo. Sem nem saber como chegara até ali, me vi sentado no meu lugar de sempre na sala de jantar.

Esperei um pouco. O professor não desceu. Que eu me lembrasse, era a primeira vez que deixava de estar presente à solenidade da refeição. E que refeição, diga-se! Uma sopa de salsa, seguida de omelete de presunto com azedinha e noz-moscada, lombo de vitela na compota de ameixas e, para encerrar, camarões açucarados, tudo isso regado por um bom vinho da Moselle.

E por causa de um pedaço velho de papel meu tio perdia tudo aquilo! Bem, na minha condição de sobrinho dedicado, me senti na obrigação de comer tanto por ele quanto por mim. E o fiz, conscienciosamente.

— Nunca vi coisa assim! — espantava-se Marthe. — O sr. Lidenbrock não estar à mesa!

— É bastante espantoso.

— É presságio de coisa bem grave! — continuou a velha criada balançando a cabeça.

Pessoalmente eu não via presságio nenhum naquilo, a não ser o de mais uma cena medonha quando meu tio descobrisse que seu jantar tinha sido devorado.

Estava já no último camarão quando uma voz forte me arrancou dos prazeres da mesa. Fui da sala ao gabinete num pulo só.

### 3

— COM TODA EVIDÊNCIA é rúnico — dizia o professor franzindo as sobrancelhas. — Mas há um mistério... que vou descobrir, ou...

Um gesto violento interrompeu o que dizia.

— Sente-se — ele indicou a mesa com um murro — e escreva.

Num segundo eu estava a postos.

— Vou ditar as letras do nosso alfabeto que correspondem a cada um desses caracteres islandeses e veremos o que vai dar. Por são Miguel, trate de não errar!

Começou o ditado, em que apliquei toda a minha atenção. Uma após outra, cada letra foi soletrada, formando a seguinte e incompreensível sucessão de palavras:

*mm.rnlls esreuel seecJde  
sgtssmf unteief niedrke  
kt,samn atrateS Saodrrn  
emtnael nuaect rrilSa.  
Atvaar .nscrc ieaabs  
Ccdrmi eeutul frantu  
dt, IAC oseibo KediiY*

Terminado o trabalho, meu tio pegou sem a menor cerimônia o papel e o examinou, atento.

— O que isso quer dizer? — repetiu mecanicamente.

Eu não poderia explicar, juro. De qualquer forma, não era comigo que falava e continuou o seu monólogo:

— É o que chamamos um criptograma. O sentido se esconde por sob as letras expressamente embaralhadas, mas que, dispostas da maneira certa,

podem formar uma frase inteligível! Quando penso que podemos ter nas mãos, quem sabe, a explicação ou indicação para uma grande descoberta!

Pessoalmente, eu achava não haver ali coisa alguma, mas por prudência evitei dar minha opinião. O professor pegou então o livro e o pergaminho, comparando-os.

— As duas escritas não vêm da mesma mão — disse. — O criptograma é posterior ao livro, salta aos olhos uma prova irrefutável. A primeira letra é um duplo M que inutilmente procuraríamos no livro de Sturluson, uma vez que foi acrescentado ao alfabeto islandês somente no século XIV. Pelo menos duzentos anos, então, separam o manuscrito e o documento.

Reconheço que a observação me pareceu bastante lógica.

— Assim sendo, tudo me leva a crer — continuou meu tio — que um dos donos do livro traçou esses caracteres misteriosos. Mas quem seria esse dono? Será que não indicou seu nome em algum lugar do manuscrito?

Ele ergueu os óculos, pegou uma forte lente de aumento e minuciosamente passou em revista as primeiras páginas do livro. Já no verso da segunda, a de anterrosto, descobriu uma espécie de borrão, que dava simplesmente a impressão de ser mancha de tinta. Olhando de perto, no entanto, distinguiam-se alguns caracteres semiapagados. O professor percebeu ser um ponto interessante. Concentrou-se no borrão e, com a ajuda da grossa lupa, acabou identificando os seguintes sinais, caracteres rúnicos que ele leu sem hesitar:

1A11 412111441X

— Arne Saknussem! — exclamou em triunfo. — É um nome, e um nome islandês, ainda por cima, o de um erudito do século XVI, um célebre alquimista!

Olhei para o meu tio com certa admiração.

— Os alquimistas — continuou —, Avicena, Bacon, Lúlio, Paracelso, eram os verdadeiros, os únicos homens de ciência da época. Fizeram as mais espantosas descobertas. É bem possível que Saknussem tenha ocultado nesse incompreensível criptograma alguma surpreendente invenção. Deve ser isso. É isso.

A imaginação do professor estava em polvorosa com a hipótese.

— Sem dúvida — arrisquei responder. — Mas por que um cientista esconderia assim um achado tão maravilhoso?

— Por quê? Por quê? E eu não sei!? Não foi o que fez Galileu com relação a Saturno? Aliás, logo veremos. Descobrirei o segredo desse documento e não vou comer nem descansar até conseguir.

“Tudo bem”, pensei.

— E nem você, Axel — ele avisou.

— Miséria! — praguejei baixinho. — Ainda bem que comi por dois!

— Para começar — continuou meu tio — é preciso encontrar a combinação dessa “cifra”. Não deve ser tão difícil.

Ouvindo isso, ergui rápido a cabeça. Mas meu tio já retomava o solilóquio:

— Nada mais fácil. Temos, no documento, cento e trinta e duas letras, entre as quais setenta e nove consoantes e cinquenta e três vogais. É mais ou menos nessa mesma proporção que são formadas as palavras das línguas meridionais, enquanto os idiomas do norte são infinitamente mais ricos em consoantes. Trata-se então de uma língua do sul.

Conclusões bem judiciosas.

— Mas que língua é essa?

Nesse ponto o cientista podia tropeçar, entretanto eis que um profundo analista se revelava.

— O nosso Saknussem era um homem instruído. Se não escrevia em sua língua materna, deve ter dado preferência à língua corrente entre as pessoas cultas no século XVI, ou seja, o latim. Se eu estiver enganado, posso tentar o espanhol, o francês, o italiano, o grego e o hebraico. Mas os homens de ciência do século XVI em geral escreviam em latim. Tenho então, *a priori*, o direito de dizer: é latim.

Agitei-me na cadeira. Minhas recordações de latinista se revoltavam contra a pretensão de aquela sequência de palavras estapafúrdias minimamente se aproximar da doce língua de Virgílio.

— Isso mesmo! — continuou o professor. — Latim, só que latim embaralhado.

“Ufa!”, suspirei. “E se esse meu tio conseguir desembaralhar, é porque é mesmo bem esperto.”

— Examinemos então — disse ele, pegando a folha em que eu havia escrito. — Trata-se de uma série de cento e trinta e duas letras em aparente desordem. Há palavras em que temos apenas consoantes, como a primeira, “mm:rnlls”, outras em que, pelo contrário, abundam vogais, como a quinta, por exemplo, “unteief”, e a penúltima, “oseibo”. Tal disposição, é claro, não